

**ANÁLISE FILOLÓGICA E PALEOGRÁFICA DE
MANUSCRITO DO SÉCULO XVIII**

Débora da Silveira Campos (UFMT)

deboradscampos@gmail.com

Carolina Akie Ochiai Seixas Lima (UFMT)

carolseixaslima@gmail.com

RESUMO

Este trabalho se propõe delinear uma análise filológica e paleográfica da carta de José Pinheiro de Lacerda, manuscrita e datada de 1788, pertencente aos Arquivos da Casa de Barão de Melgaço (ACBM) e ao Instituto de Pesquisa Dom Aquino Corrêa (IPDAC). Elegemos a edição fac-similar, entendida como a fotografia do texto que mantém todas as suas características, e a semidiplomática, por apresentar um baixo grau de interferência do editor no manuscrito, respeitando-se as características ortográficas originais, letras maiúsculas e minúsculas, separação silábica, sinais diacríticos, parágrafos, fronteiras de palavras, desdobrando-se as abreviaturas constantes nos manuscritos. Com o objetivo, segundo Cambraia (2005, p. 96) de “facilitar ainda mais a leitura do texto e torná-lo acessível a um público menos especializado”, a partir das quais serão apresentados os aspectos paleográficos, com o intuito de expor aspectos da escrita, da história. Descreveremos aspectos ortográficos e suas variações em um manuscrito do período colonial brasileiro. Para tais estudos, utilizamos Spina (1977), Cambraia (2005) e Mattos e Silva (2006). Este estudo justifica-se pela importância que os manuscritos têm para a história de Mato Grosso e para a história do português brasileiro e também porque se insere no projeto de pesquisa FOLIUM – Grupo de Estudos Interdisciplinares de Linguística, Filologia e História, projeto que está diretamente ligado ao projeto nacional PHPB – Para a História do Português Brasileiro.

Palavras-chave:

Filologia. Paleografia e Manuscrito.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo delinear un análisis filológico y paleográfico de la carta de José Pinheiro de Lacerda, escrita a mano y fechada en 1788, perteneciente a los Archivos de la Casa del Barón de Melgaço (ACBM) y al Instituto de Investigación Dom Aquino Corrêa (IPDAC). Elegimos la edición facsimil, entendida como la fotografía del texto que conserva todas sus características, y la semidiplomática, por presentar un bajo grado de interferencia del editor en el manuscrito, respetando los gráficos ortográficos originales, mayúsculas y minúsculas, separación de sílabas, marcas diacríticas, párrafos, límites de palabras, revelando las abreviaturas en los manuscritos. Con el objetivo, según Cambraia (2005, p. 96) de “hacer que el texto sea aún más fácil de leer y hacerlo accesible a un público menos especializado”, desde el cual se presentarán los aspectos paleográficos, para exponer aspectos de escritura, de historia. Describiremos los aspectos ortográficos y sus variaciones en un manuscrito del período colonial brasileño. Para tales estudios, utilizamos Spina (1977), Cambraia (2005) y Mattos e Silva (2006). Este estudio se justifica por la importancia que tienen

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

los manuscritos para la historia de Mato Grosso y para la historia del portugués de Brasil y también porque es parte del proyecto de investigación FOLIUM – Grupo de Estudios Interdisciplinarios de Lingüística, Filología e Historia, un proyecto que es directamente conectado con el proyecto nacional – PHPB para la Historia del Portugués de Brasil.

Palabras claves:
Filología. Paleografía y manuscrito.

1. Introdução

Este artigo tem por objetivo o estudo, sob a ótica da Filologia, de um manuscrito datado de 11 de agosto de 1788, escrito por José Píneiro de Lacerda, pertencente aos Arquivos da Casa de Barão de Melgaço (ACBM) e ao Instituto de Pesquisa Dom Aquino Corrêa (IPDAC), do qual foram feitas as edições fac-similar e semidiplomática, a primeira é entendida como a reprodução mecânica do testemunho, e a segunda, uma transcrição dele, em que transforma o texto manuscrito em tipografado, além do desdobramento das abreviaturas, visando à facilidade de leitura (SPINA, 1977, p. 77). Também foram analisadas características paleográficas, assim como abordados aspectos das funções adjetiva e transcendente da Filologia.

A escrita surgiu quando o homem, no período neolítico, tornou-se menos nômade e começou a formar aldeias, a cultivar seu alimento e a domesticar animais, o que o induziu a criar recursos para registrar o número de animais que possuía e a quantidade de alimento que havia em estique (LOBO, 1968, p. 35). Com o passar dos anos, já dispoñdo da escrita, o ser humano passou a registrar seus hábitos e costumes, tratados, produção literária, atos públicos de governantes, acontecimentos sociais, dentre outros. Propiciando à humanidade o registro de sua história, permitindo a guarda e a difusão de informações entre indivíduos e gerações.

Assim, compreendemos que o texto escrito ou impresso, antigo ou moderno, constitui o objeto de estudo da Filologia. Seu início ocorre na biblioteca de Alexandria, no período helenístico ou alexandrino da civilização grega, ciência que prima pela valorização do passado, pela ordenação e catalogação de obras, com destaque para os poemas épicos de Homero.

Para Spina (1977),

Do amor à poesia que nasceu a ciência filológica. Voltados para a restauração, intelexção e explicação dos textos, o labor desses eruditos

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

consistiu em catalogar as obras, revê-las, emendá-las, comentá-las, provê-las de sumários e de apostilas ou anotações (escólios), de índices e glossários (indicações marginais sobre as variantes das palavras), de tábuas explicativas, tudo isso complementando com excursos biográficos, questões gramaticais e até juízos de valor de natureza estética. (SPINA, 1977, p. 61)

O termo filologia é usado para designar o “[...] estudo global de um texto [...]” (Cabraia, 2005, p. 18), ou seja, a exploração exaustiva e conjunta de seus mais variados aspectos: linguístico, literário, crítico textual, sócio histórico, além de contribuir para a recuperação e a transmissão do patrimônio cultural escrito de um povo, de uma língua, de uma determinada cultura.

O texto é, portanto, a base para o estudo filológico. “[...] a Filologia concentra-se no texto, para explicá-lo, restituí-lo à sua genuidade e prepará-lo para ser publicado [...]” (SPINA, 1997, p. 75).

Entendendo que a transmissão de um texto sofre modificações ao longo do tempo, a Filologia tem “[...] como objetivo primordial [...] a restituição da forma genuína dos textos [...]” (CABRAIA, 2005, p. 1), ou seja, a filologia busca descobrir e explicitar qual é a vontade do autor. Para tanto, utilizam-se as técnicas da Paleografia, disciplina que trabalha com a análise dos caracteres gráficos, tipos de letras, sinais diacríticos, abreviaturas, uso de letras capitais, de gravuras, para entender a escrita do texto e atestar sua genuinidade.

Logo, esta atividade, que se insere no projeto de pesquisa FOLIUM – Grupo de Estudos Interdisciplinares de Linguística, Filologia e História, da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT, projeto que está diretamente ligado ao projeto nacional Para a História do Português Brasileiro – PHPB. Tem por objetivo delinear uma análise filológica e paleográfica da carta de José Pinheiro de Lacerda, endereçada ao Governador e Capitão-general da Capitania de Mato Grosso, Luiz Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres, datada de 11 de agosto de 1788, escrita no Forte Príncipe da Beira, pertencente aos Arquivos da Casa de Barão de Melgaço - ACBM e ao Instituto de Pesquisa Dom Aquino Corrêa – IP-DAC, com a realização das edições fac-similar e semidiplomática e a análise das funções adjetiva e transcendente da Filologia, além de características paleográficas, conforme Spina (1977, p. 76).

2. Edições fac-similar e semidiplomática

A edição fac-similar é a fotografia do texto, em que o editor minimamente interfere no original, pois limita-se a escaneá-lo, por exemplo, quando, entretanto, algumas características, como a cor do papel e da tinta, podem adquirir aspectos diferentes em relação ao original. Já a edição semidiplomática ou diplomático-interpretativa, segundo definição de Spina (1977, p. 77-9), chamada de paleográfica por Cambraia (2005, p. 95-6), sofre alguma interferência do editor, que, além de digitá-la, desdobra suas abreviaturas e estabelece as fronteiras entre palavras, quando não as há, visando à preservação de praticamente todas as características do documento.

A escolha pela edição semidiplomática se deve à preocupação de se procurar garantir a maior fidedignidade possível à forma original do manuscrito.

Abaixo, as normas utilizadas para a edição do manuscrito em questão:

1. As linhas foram enumeradas continuamente de cinco em cinco;
2. A pontuação original foi mantida;
3. A acentuação original foi mantida;
4. As abreviaturas alfabéticas são desdobradas, registrando-se em itálico as letras nelas omitidas;
5. As maiúsculas e minúsculas foram mantidas como no original;
6. A ortografia original foi mantida, como no original;
7. A assinatura foi indicada entre díples < >;
8. As fronteiras de palavras foram desfeitas quando o escriba às manteve unidas;
9. A intervenção de terceiros será marcada com [].

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Ficha codicológica:

| | |
|---|---|
| Edição Semidiplomática | |
| Identificação: ACBM/IPDAC Caixa 22 - Pasta 82 – env. 1388 | |
| Assunto | Carta de José Pinheiro de Lacerda para o Sr. Luiz de Albuquerque de Mello P. e Cáceres tratando da partida de esquadra, da permanência do Reverendo Francisco Ribeiro e também do envio da fêria mensal referente ao mês de julho |
| Local | Forte do Príncipe da Beira |
| Data | 11 de Agosto de 1788 |



Edição semidiplomática:

Illustrissimo e Excelentissimo Senhor

[11.08.1788]

Estando a despedir os Bottes do Tenente Iozé

Antonio Gonçalves Prego, chegarão do Pará dois, hua

- 5 Jgarite, conduzidos pelo Cabo d Esquadra de Drogogens Manoel José de Araujo: que sem mais demora que a de meyo dia. emquanto se lhe apromptarão os Socorros cometidos aprezenre relação. Para com o gosto de se apresentar a *Vossa Excelencia* nestes vinte diaz.

- 10 Por huma Carta que de *Vossa Excelença*

me manifestou pelo dito Cabo d' Esquadra Manoel Iosé, deixei aqui ficar e *Reverendo Padre* Francisco José Ribeyro, Presbitero Ceccular do Habito de *São Pedro*, por assim tambem o dezejar em razão exhibir-se, do incomodo de

- 15 sobir e decer: Eu creio que este Eccleziastico, *por mas que* se fassa, o será sem duvida mênos que o antecedente; que alem de se ter habitado intolerável, se tinha demais, a mais incruado.

No sacco de Cartas que me dirigio meu

- 20 Compadre Manoel da Gama Lobo d' Almada

Governador da Capitania de *Saó Iozé* do Ryo ne

gro se me incluiu esse, que tenho a honra de remeter a *Vossa Excelencia*, e mesmo aqui a Feria Mensal do Mez de Julho.

Eu dezejo a *Vossa Excelencia* huma muito

- 25 completa saude, e qualquer destino, do Serviço de *Vossa Excelença*.

DEOZ *garde* a *Vossa Excelência* muitos annos

Forte do Príncipe da Beyra, 11 de Agosto de 1788.

Illustrissimo Excelentissimo Sênhor Luiz de

Albuquerque d' Mello Pereira e Caceres

- 30 De *Vossa Excelencia*

Muito omilde subtido e criado obrigandomo.

<Iozê Pinheiro de Lacerda>

3. *Paleografia*

Definida como o estudo das escritas antigas, de acordo com Cambraia (2005, p.23), o termo paleografia, etimologicamente, vem do grego e significa palaios (antigo) e graphien (escrita). É, segundo Spina (1977, p. 18), “[...] o estudo das antigas escritas e evolução dos tipos caligráficos em documentos, isto é, em material perecível (papiro, pergaminho, papel)”. Como disciplina auxiliar da Filologia, propicia análise e a descrição dos caracteres gráficos, tipos de letras, sinais diacríticos, abreviauras, pontuação, acentuação, paragrafação, arabescos, dentre outros, possibilitando a leitura do texto e seu entendimento.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

O interesse pelo estudo mais pormenorizado de documentos manuscritos teve início na Idade Média, “[...] quando se organizavam verdadeiras coletâneas de abreviaturas, um dos aspectos que oferece maior dificuldade na decifração de textos” (ACIOLI, 2003, p. 6).

Para Dias e Bivar (2005, p. 14), “[...] é lugar comum para alguns paleógrafos que as origens dos estudos paleográficos remontem à Guerra dos Trinta Anos (1618-1648), ocorrida entre protestantes e católicos [...]”, para legitimar, especialmente, documentos que indicavam posse de terra, auxiliando assim a Justiça.

No século XVII, o Jesuíta Daniel van Papenbroeck (1628–1714) publicou a primeira obra que consistia em sistematizar critérios para reconhecer a autenticidade de documentos através da análise da escrita. Em seguida, o beneditino francês Jean Mabillon publicaria a obra *De Re Diplomática Libri III*, em Paris, em 1681, aprofundando os estudos e critérios de identificação e distinção de documentos originais autógrafos, idiógrafos e apógrafos, instituindo a Paleografia como ciência e fornecendo subsídios teóricos para a Diplomática, que é o estudo de documentos jurídicos.

Cambráia (2005) afirma que ela

[...] apresenta finalidade tanto teórica quanto pragmática. A finalidade teórica manifesta-se na preocupação em se entender como se constituíram sócio-historicamente os sistemas de escrita; já a finalidade pragmática evidencia-se na capacitação de leitores modernos para avaliarem a autenticidade de um documento, com base na sua escrita, e de interpretarem adequadamente as escritas do passado. (CAMBRAIA, 2005, p. 23)

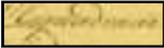
4. Comentários paleográficos

No manuscrito analisado classificamos a escrita do documento como humanística ou italiana (SPINA, 1977, p. 35), com tipo de letra cursiva, em que as letras são corridas, com traçado mais livre, escritas de um só lance e sem descanso da mão, apresentando entre si nexos ou ligações o que pode, às vezes, levar a certa dificuldade de leitura, não sendo este o caso dos manuscritos em estudo, de acordo com Acioli (2003, p. 13). Tratando-se, provavelmente, de texto ideógrafo, é um documento produzido por mãos hábeis, ou seja, o escriba, copista ou amanuense, apresenta desenvoltura caligráfica, regularidade na escrita, com leve inclinação para a direita, uniformidade nas margens, sem borrões ou rasuras.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Segundo Higounet (2004, p. 144), a escrita humanística teria surgido em documentos manuscritos de 1423, “[...] é uma escrita erudita, refeita a partir do modelo da escrita carolíngia.”, por parte dos humanistas italianos, tendo como característica ser uma escrita “[...] suave, traçada com penas pontudas, fortemente inclinadas para a direita, com todas as letras de uma mesma palavra unidas”.

Embora a escrita humanística seja a usada no manuscrito, há nele resquícios da escrita gótica, como a letra d, como vemos:

| | |
|---|-------------------|
|  | <Conduzidos> (05) |
|  | <Esquadra> (11) |
|  | <Deixei> (12) |

Evidenciamos o uso das letras capitais, afirma Mendes (1953),

[...] eram usadas apenas no início das frases, ou na parte superior dos escritos, intitularam-se capitais (de caput, capitis= cabeça). No desenho das letras capitais, as linhas verticais faziam ângulo reto com as horizontais, razão pela qual esse tipo de escrita é hoje intitulada de escrita capital quadrada. (MENDES, 1953, p. 25)

Spina (1977, p. 34), reforça que a letra capital, ou inicial, ou ainda capitular era a letra maiúscula usada nos “[...] frontispícios dos códices, capítulos e parágrafos podendo ser quadrada, redonda, elegante ou rústica.”. Pode-se verificar que, alguns exemplos:

| | |
|---|------------|
|  | <Por> (10) |
|  | <No> (19) |

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Quantos às características ortográficas, observamos a ocorrência da letra ramista <J> por <I>, assim chamada em razão do humanista francês, do século XVI, Petrus Ramus ou Pierre de La Ramée (1515–1572), que introduziu no alfabeto, exemplos:

| | |
|---|--------------|
|  | <lozé> (3) |
|  | <Iulho> (23) |

Sobre o uso de <z> final, afirma Silva Neto (1979),

[...] há que sinalar a importante evolução do s final e pré-consonântico, assim como do z final, que da pronúncia z sibilante, que ainda hoje apresentam em falares transmontanos, e ultramarinos, passaram à pronúncia chiante que hoje têm na pronúncia padrão, quer de Portugal (Lisboa), quer do Brasil (Rio de Janeiro). Trata-se de um fenômeno do primeiro terço do século XVIII, operando ao Sul e adotado em Lisboa, o que o tornou pronúncia normal. (SILVA NETO, 1979, p. 566)

Dado que, à época, não havia uniformidade nos procedimentos de escrita, o que veio a acontecer apenas em 1904, com Ortografia Nacional, de Gonçalves Viana.

O uso de z, onde usa-se s:

| | |
|---|---------------|
|  | <diaz> (09) |
|  | <Dezejo> (24) |

A propósito da grafia dos ditongos orais e nasais, tendo como contraponto o português padrão atual, verificamos as seguintes alterações:

Ditongo eo

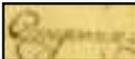
Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

| | |
|---|-------------|
|  | <Deoz> (26) |
|---|-------------|

Ditongo com semivogal y,

| | |
|---|-------------|
|  | <meyo> (06) |
|---|-------------|

Uso de *oens*, em:

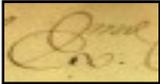
| | |
|---|-----------------|
|  | <Dragoens> (05) |
|---|-----------------|

O h no início da palavra, onde seria u:

| | |
|---|-------------|
|  | <huma> (10) |
|---|-------------|

As abreviaturas que, conforme Spina (1977, p. 44-9), são classificadas por sigla, síncope, apócope, com letras sobrepostas, numerais, com letras sobrepostas, e signos especiais são encontradas no manuscrito, como se pode ver em: abreviaturas, por sigla e por síncope, com letras sobrepostas:

| | |
|---|---------------------|
|  | <Illustrissimo> (1) |
|---|---------------------|

| | |
|---|----------------------|
|  | <Excelentissimo> (1) |
|  | <Vossa> (8) |
|  | <Padre> (12) |
|  | < Reverendo> (12) |

5. As funções adjetiva e transcendente da filologia no manuscrito

Para Spina (1977, p. 77), a filologia possui três funções: substantiva, adjetiva e transcendente. Neste artigo, optamos pelo estudo do manuscrito sob o ponto de vista das funções adjetiva e transcendente, entendendo-se por adjetiva aquela que não se fixa propriamente no texto, mas dele extrai informações como características de seu autor ou do local onde foi escrito, e, por transcendente, aquela que, também não se prende ao texto, tendo como fonte para o estudo de aspectos que estão fora dele, como questões relativas à história social nele apenas sugeridas.

A propósito da função adjetiva da Filologia, pode-se deduzir do manuscrito, uma carta, que explicita o nome do destinatário, caracterizada pelo tratamento formal da linguagem utilizada, uma vez que trata-se de carta ao quarto Governador e Capitão-general da Capitania de Mato Grosso, Luiz de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres, que, nomeado por Carta Régia de 03 de julho de 1771, tomou posse em 13 de dezembro de 1772, tendo permanecido no cargo por 17 anos.

A respeito deste governador, Siqueira (2002) afirma:

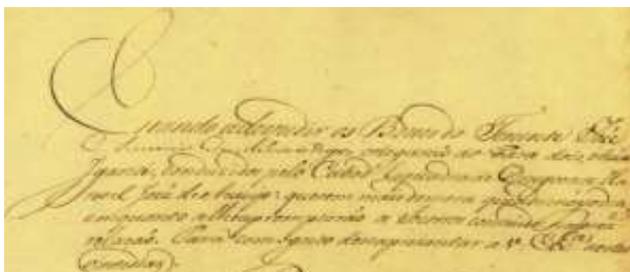
Forte Príncipe da Beira Luiz Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres, então Governador da Capitania de Mato Grosso definiu a localização do

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Forte Príncipe da Beira durante viagem realizada a Capitania em 1773. Na segunda viagem em 1774, navegou pelo Rio Guaporé buscando maior conhecimento e encontra-se com Domingos Sambucetti e Alexandre José de Souza, ambos engenheiros vindos de Grão-Pará e em 1775 faz o reconhecimento do local. (SIQUEIRA, 2002, p. 53)

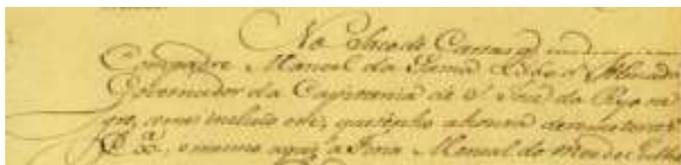
Portugal absorve os conceitos dos mestres italianos, utilizando a simetria, com altura suficiente para suportar ataques inimigos com muralhas compostas por pedra e argamassa de barro. A arquitetura militar utilizada foi com a adoção de baluartes que permitiam o cruzamento dos disparos e o flanqueamento das posições, possibilitando a defesa do inimigo em vários ângulos, destaca Barroso (2015, p. 30).

Militarizar e fortificar a região oeste da Colônia tornava-se, no século XVIII, uma questão fundamental para Portugal que garantia e resguardava para si os avanços feitos pelos colonos, pois bastava atravessar o rio Guaporé ou o rio Paraguai para encontrar colonos espanhóis ou missões jesuíticas. O Real Forte Príncipe da Beira foi criado com o propósito de evitar o contrabando do ouro, assegurar a vigilância dos rios que davam passagens para a Capitania de Mato Grosso, assim como, de intimidar as invasões por espanhóis. Como exemplificado no excerto seguinte (3-9) do manuscrito em questão:



O local do Forte Príncipe da Beira é estratégico, pois naquele ponto do Rio Guaporé há uma corredeira (estreitamento com pedras), formando um canal, permitindo a passagem de apenas uma embarcação por vez, redobrando o cuidado durante a seca, quando mais pedras ficavam visíveis.

As dificuldades para a construção do forte e manutenção eram várias, e assim o mestre de obra José Pinheiro de Lacerda envia cartas ao então governador.



Os militares que vieram sentar praça no Real Forte e ajudar na construção, todos receberam um aditivo em seus salários, esse abono variava conforme o cargo e patente de cada militar, uma espécie de gratificação. Na ocasião, a mesma era denominada ‘féria mensal’. Como verificamos no excerto do manuscrito analisado (19-23):

As cartas dos comandantes do Forte Príncipe a Luiz de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres, então governador da Capitania Geral de Mato Grosso e desde a coroa portuguesa, lhes informando tudo que se passava durante seu governo, as providências e suas atitudes a frente do cargo que ocupava, era uma constante.

Compreende-se ainda que o estudo de uma língua é indissociável dos aspectos históricos e socioculturais que convergiram para a sua formação. Assim, deve-se sempre levar em consideração a época em que ela foi falada ou em que os textos foram escritos, além dos papéis sociais dos usuários e o espaço geográfico onde ela foi usada.

6. Considerações finais

A Filologia é entendida como um dos campos de estudo da linguística, que objetiva o estudo da língua sob a perspectiva histórica, no que é auxiliada pela Paleografia e Diplomática. Dentre outras, trabalha o texto, sem o que ela não subsiste, restituindo-o à sua genuidade, enfim, considera à última vontade de seu autor, preparando-o para o estudo linguístico, histórico, antropológico, dentre outros.

Assim, descrever e compreender a língua portuguesa utilizada no Brasil em séculos anteriores, quanto aos aspectos de natureza paleográfica, por exemplo, como se procurou fazer aqui com as características ortográficas do documento identificado “manuscrito do século XVIII” - Carta, é tarefa do filólogo ou crítico textual, e como aluna da disciplina de Filologia ofertada pela UFMT, pude me “deliciar” com esse rico e encantador universo.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Portanto, o estudo filológico de documentos manuscritos, escritos a partir do século XVIII, referentes à Província de Mato Grosso, pode contribuir para a explicitação do que se vem convencionando chamar de Português Brasileiro, além de propiciar a análise de características ortográficas da língua portuguesa a partir do referido século.

Através das edições fac-similar e semidiplomática, sendo este um tipo de transcrição em que há baixo grau de intervenção do editor no manuscrito, visando à preservação de praticamente todas as suas características originais, o documento serve de *corpus* para pesquisa por especialistas de várias áreas do conhecimento. Como se trata de um manuscrito do século XVIII, se pode também estudar aspectos culturais, o que leva à preservação de fontes sócio-histórico-culturais de um povo em uma época determinada.

Por fim, contextualizar o tempo, o espaço e a sociedade em que o documento foi escrito é de grande valia, uma vez que contém informações como se deu o modo de vida dos trabalhadores do Real Forte, sua convivência e afins.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACIOLI, Vera Lúcia Costa. *A escrita no Brasil colônia: um guia para leitura de documentos manuscritos*. 2. ed. Recife: Fundação Joaquim Nabuco; Massangana, 2003.

BARROSO, L. D. S. *Movimentos sociais e escravistas na construção do real Forte Príncipe Da Beira – 1776–1783*. [S.l.]: [s.n.], 2015. Disponível em: <bit.ly/2MIANwa>. Acesso em: 14 de Outubro de 2019.

BARROSO, L. D. S. *Real Forte Príncipe da Beira: ocupação oeste da Capitania de Mato Grosso e seu processo construtivo (1775–1783)*. Porto Alegre: Versos Seremos, 2015.

CAMBRAIA, C. N. *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

DIAS, Madalena Marques; BIVAR, Vanessa dos Santos Bodstein. Paleografia para o período colonial. In: *Paleografia e fontes do período colonial brasileiro*. Estudos CEDHAL – Nova Série n° 11. São Paulo: Humanitas / FFLCH/USP, 2005, p. 11-38.

HIGOUNET, Charles. *História concisa da escrita*. São Paulo: Parábola,

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

2004.

LOBO, R. H. *História Universal*. V. I. São Paulo: Melhoramentos, 1968.

MATOS E SILVA, Rosa V. *O Português arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe*; 2006.

SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. *História de Mato Grosso: da ancestralidade aos dias atuais*. Cuiabá: Entrelinhas, 2002.

SPINA, S. *Introdução à Edótica: crítica textual*. São Paulo: Cultrix, 1997.